



RELATÓRIO

41º Festival Nacional de Teatro
Pindamonhangaba/SP 2019

CRÍTICO: ANA ROXO

DIA: 11/11/19

CATEGORIA: INFANTIL

PEÇA: VOVÔ

GRUPO: CIA. TRUKS

CIDADE: SÃO PAULO SP

Uma menina narra a história do seu avô. “Mas a história do jeito que ele me contou”. Esse é o mote para a Cia. Truks, por cerca de uma hora, nos conduzir por um universo lúdico, utilizando diversas técnicas de manipulação de bonecos, em que conta e mostra a trajetória de um imigrante em meados do séc XX, que fugiu para o Brasil, durante a perseguição nazista na Segunda Guerra.

Gostaria de comentar essa peça sob três aspectos: a peça em relação a si mesma, a peça em relação ao seu tempo, e a experiência viva do teatro.

A peça tem mais de quinze anos, é um espetáculo concebido em 2002, com autoria, direção e criação da iluminação e sonoplastia de Henrique Sitchin. O elenco, nesses mais de quinze anos, já sofreu diversas alterações – eis a dor e a delícia do teatro de manipulação de bonecos. Ainda assim, é uma peça madura, como evidencia toda precisão na execução, no ritmo, na técnica. A dramaturgia e toda encenação já foi posta à prova pelo rigoroso público infantil. Se eu fosse uma crítica do século passado, diria que é um espetáculo muito bem amarrado. O que nos leva para o próximo ponto: a peça em relação ao seu tempo.

Há aspectos do teatro que nunca envelhecem. Ou talvez, sendo menos peremptória, não envelheceram nos últimos 2000 anos. Temas, motes. conflitos e trajetórias que tem lugar cativo em nosso imaginário. Assim, Vovô nos conta uma história que conhecemos de cor: dos fugitivos da guerra que imigraram para o Brasil. A graça, na peça não é o “o que”, é exatamente o “como”. Como aquele vovô contador de causos narrou sua vida. Isso dá a dimensão humana de que toda vida é válida, talvez lúdica e mereça ser contada. Fato. A peça tem diversos méritos, aqueles que o universal nos dá. No entanto, o universal tem sido sempre branco e masculino. Aí que entra o tempo que nos toca viver: nossa profunda necessidade de saber de outras histórias, dos negros, das mulheres, dos indígenas. A necessidade de crianças e adultos de se verem representados. Já não nos basta aplicar a história dos outros em nossas vidas, como um modelo universal da trajetória do herói. Queremos que as nossas vidas também sejam parâmetros do sentido. Ainda mais num aparelho público, portanto do povo, de um bairro distante do centro, numa cidade do interior, num país que é – doa a quem doer – periferia do mundo. E com isso, nos resta o último ponto a analisar.

Ainda que as estruturas narrativas precisem ser reconstruídas, repensadas, revistas, só o teatro é capaz de proporcionar a experiência profunda do jogo e do encontro. O teatro de bonecos, especificamente, é a arte de tornar tangível e simples uma técnica refinada e precisa, mas que – aos olhos encantados das crianças e de adultos feito crianças – poderia passar por uma brincadeira na sala de qualquer casa numa tarde chuvosa. Só o teatro pode nos propiciar o reencontro com o sonho feito jogo de verdade, com a seriedade do menino ou da menina que faz da lata de sardinha um trem. O

contato com a arte, portanto, é fundamental para a elaboração de um plano simbólico da vida, onde a existência ganha sentido. Esse sentido é o universal importante do teatro que dá a nós, artistas, o sentido do nosso fazer. Isso, e o que nos confessou, com olhos marejados, um professor de geografia da rede pública, às 10h de uma segunda feira, após uma apresentação com uma plateia lotada de crianças, na periferia do mundo: “eu queria que todos meus alunos pudessem acompanhar esse Festival”.

Nós também, Alexandre. Nós também.